



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS
CURRICULARES
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA DE SINAIS DE MOÇAMBIQUE

RELATÓRIO DE ESTÁGIO ACADÉMICO

**Reflexões Sobre a Colaboração Entre Docentes e Intérpretes na Aprendizagem do
Estudante Surdo do Curso de Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique da
Faculdade de Educação**

Balbina Armando Simbine

Relatório apresentado em cumprimento dos requisitos parciais para a obtenção do grau de
Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique.

Maputo, Setembro de 2025



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS
CURRICULARES
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA DE SINAIS DE MOÇAMBIQUE

RELATÓRIO DE ESTÁGIO ACADÉMICO

**Reflexões Sobre a Colaboração Entre Docentes e Intérpretes na Aprendizagem do
Estudante Surdo do Curso de Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique na
Faculdade de Educação**

Balbina Armando Simbine

Local do Estágio: Faculdade de Educação (FACED) – Universidade Eduardo Mondlane

Supervisora: Mestre Rosalina Zamora Jorge

Orientadora: Mestre Alcinda Valentim

Maputo, Setembro de 2025

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro que o presente Relatório de Estágio Académico resulta das práticas pedagógicas e investigações desenvolvidas por mim, sob orientação da minha supervisora e foi elaborado em conformidade com as normas e critérios exigidos para a produção e apresentação de trabalhos científicos. Declaro ainda que este trabalho nunca foi apresentado no seu todo ou em parte em qualquer outro contexto académico e todas as fontes consultadas encontram-se devidamente referenciadas.

A estudante

(Balbina Armando Simbine)

Maputo, Setembro de 2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Alda José Chaúque, uma mulher forte, batalhadora e inspiradora. Sua confiança, mesmo nos momentos em que eu duvidei de mim, foi o que me manteve firme até aqui. A sua força, coragem e amor incondicional foram meus alicerces em cada etapa desta caminhada. Mãe, desta forma quero expressar desta forma a minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus todo-poderoso pelo dom da vida e por me permitir chegar a esta fase.

À Universidade Eduardo Mondlane.

À instituição de estágio, Faculdade de Educação, por me acolher, permitir a minha formação e tornar possível a aquisição de competências práticas e interdisciplinares.

Expresso a minha gratidão de forma afável à Directora do Curso de Licenciatura em LSM, que é similarmente minha supervisora, Mestre Rosalina Zamora Jorge, pelo suporte, direccionamento e paciência ao longo da realização deste relatório.

Os meus agradecimentos se estendem ao corpo docente, que mediou e facilitou minha busca por conhecimento e que contribuiu significativamente na minha formação.

Agradeço imensamente a equipa dos intérpretes, Mestre Nehemia Zandamela e dra. Euclides Anabela, especialmente a minha orientadora, Mestre Alcinda Valentim, pelo acolhimento, apoio e conselhos valiosos ao longo do estágio.

A todos colegas de turma e em especial aos meus amigos, Osvaldo Massango, Menalda Mimo, Carmen Monjane, Tamires Maxaieie, Augusto Dinis, Carla Lipinze, Jacinto Chaguala, e Daouda Cherif, pela troca de experiências, desafios enfrentados e vitórias alcançadas. Agradeço a todos pelo suporte, por me terem escolhido como representante de turma durante toda formação e pelos momentos ímpares que passámos juntos.

À minha família em especial aos meus pais, Armando Jorge Justino Simbine (em memória) e Alda José Chaúque, pelo suporte e incentivo pela busca do conhecimento.

Aos meus irmãos, Rodolfo Simbine, Jorge Simbine, Neusa Simbine e Tatiana Simbine, pelo apoio emocional, financeiro e moral prestado durante a formação. Vosso sacrifício jamais será esquecido.

Aos meus amigos e irmãos em Cristo, Lúcia e Dénio Chavane, Hermínia, Carmona, Domingos e Arlindo Saia, pelo suporte inigualável e a todos que contribuíram directa ou indirectamente para que este trabalho se tornasse uma realidade, muito obrigada.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CCLLSM	Currículo do Curso de Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique
CREI	Centro de Recursos de Educação Inclusiva
EI	Educação Inclusiva
ESJM	Escola Secundaria Josina Machel
FACED	Faculdade de Educação
IFP	Instituto de Formação de Professores
ILS	Intérprete de Língua de Sinais
LLSM	Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique
LS	Língua de Sinais
LSM	Língua de Sinais de Moçambique
PEA	Processo de Ensino e Aprendizagem
SNE	Sistema Nacional de Educação
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Lista de Figuras

Figura 1: Estrutura Orgânica da Faculdade de Educação.....	5
Figura 2: Estrutura da sala de aula da turma de LSM 3º Ano.....	8
Figura 3: Legenda da figura da estrutura da sala de aula	9

Lista de Tabelas

Tabela 1: Horário da turma do estágio 3º Ano - 2º semestre	10
Tabela 2: Plano de actividades realizadas ao longo do estágio	11

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

Apêndices

Apêndice A: Planos quinzenais

Lista de Anexos

Anexo A: Credencial

Anexo B: Avaliação de desempenho de estágio

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Objectivos do relatório	2
1.1.1. Objectivo Geral	2
1.1.2. Objectivos específicos	2
1.2. Metodologia	2
1.3. Justificativa da realização do estágio	3
2. APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO	4
2.1. Localização	4
2.2. Breve Historial da FACED	4
2.3. Missão, Visão, Valores e Objectivos	4
2.4. ESTRUTURA ORGÂNICA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO	5
2.5. Número de funcionários	8
2.6. Características da turma de realização do estágio	9
2.7. Relevância da instituição e da área de estágio para a formação da estagiária	10
2.8. Contributo esperado da estagiária para a instituição e área de estágio	10
3. PLANO DE ACTIVIDADES	11
4. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA ESTAGIÁRIA	13
4.1. Apresentação e integração na instituição de estágio FACED	13
4.2. Observações das aulas	13
4.3. Interpretação de aulas	14
4.4. Dificuldades e soluções encontradas	14
5. REVISÃO DA LITERATURA	15
5.1. Definição de conceitos	15
5.1.1. Colaboração	15
5.1.2. Docente	16
5.1.3. Intérprete de Língua de Sinais	16
5.1.4. Aprendizagem	16
5.1.5. Estudante surdo	17
5.2. Colaboração entre os docentes e intérpretes	17
5.3. Desafios enfrentados pelos intérpretes e docentes na prática colaborativa	19
5.4. Estratégias de colaboração que contribuem para a aprendizagem do estudante surdo....	21
6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	23
6.1. Conclusões	23
6.2. Recomendações	25

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como tema *“Reflexões sobre a Colaboração entre Docentes e Intérpretes na Aprendizagem do Estudante Surdo no Curso de Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique na Faculdade Educação”*.

Este relatório foi elaborado no âmbito do estágio académico do Curso de Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique, ministrado pela Universidade Eduardo Mondlane na Faculdade de Educação, com o objectivo de obter o grau de Licenciatura.

De acordo com o Regulamento de Estágio da FACED (2014), estágio é uma actividade curricular de aquisição de competências práticas e interdisciplinares, pelo estudante, que complementam o trabalho lectivo seguindo um programa previamente estabelecido pela Faculdade.

O estágio tem como objectivo integrar a competência teórica no trabalho prático, através do contacto com a realidade sócio-profissional e da aquisição de experiência prática relevante ao curso e tem também o objectivo de adequar as competências teórico-práticas, adquiridas ao longo da formação à prática profissional, reforçar o interesse do estudante pela profissão e possibilitar vínculos de emprego com as instituições de estágio.

O estágio foi realizado na UEM - Faculdade de Educação, no período de 23 de Setembro de 2024 a 17 de Março de 2025 (com interrupção em Novembro por conta das manifestações pós-eleitorais no país).

O relatório está organizado em 6 (seis) secções, a saber: (i). Introdução, que está relacionada com a contextualização, tema, objectivos do estágio e do relatório e a justificativa de realização do estágio; (ii). Apresentação da instituição de realização do estágio, onde está explícito o local de realização estágio, sua relevância para a formação da estagiária, bem como o contributo esperado da estagiária para a instituição de ensino; (iii). Plano de Actividades que descreve os objectivos a alcançar através deste plano e os procedimentos que o conduziram. (iv). Actividades desenvolvidas pela estagiária, consta nesta secção a descrição das actividades desenvolvidas, os métodos utilizados, os objectivos de cada actividade e se discute as aprendizagens resultantes destas mesmas actividades. (v). Conclusões, (vi). Recomendações e por fim as referências bibliográficas, apêndices e anexos.

Entretanto, este relatório propõe uma reflexão sobre as dinâmicas da colaboração entre docentes e intérpretes de LSM na FACED, Curso de Licenciatura em Língua de Sinais de

Moçambique, 3ºAno, analisando seus impactos na aprendizagem dos estudantes surdos. Tende-se desta forma contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e que reconheçam o direito à educação de qualidade para todos, considerando e respeitando as particularidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

1.1. Objectivos do relatório

De modo a direccionar a pesquisa, apresentam-se em seguida os objectivos geral e específicos.

1.1.1. Objectivo Geral

Analisar a colaboração entre docente e intérprete na aprendizagem do estudante surdo na Faculdade de Educação, 3º Ano

1.1.2. Objectivos específicos

1. Analisar a colaboração entre docentes e intérpretes de LSM;
2. Descrever os desafios enfrentados pelos docentes e intérpretes na prática colaborativa;
3. Propor estratégias de colaboração que contribuem para aprendizagem do estudante surdo.

1.2. Metodologia

Segundo Gil (2008), a metodologia é essencial para alcançar um objectivo específico, representando o método científico como um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para adquirir conhecimento.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados actuais e relevantes relacionados com o tema em questão.

Corroborando com os autores supracitados, Severino (2007), afirma que a pesquisa bibliográfica é realizada a partir de registos já disponíveis, como livros, artigos, revistas, teses, dentre outros, podendo ser material impresso ou digital.

Os procedimentos técnicos incluíram pesquisa bibliográfica na abordagem qualitativa e na elaboração deste relatório, o método bibliográfico foi extremamente valioso para estabelecer uma base teórica sólida sobre a aprendizagem dos estudantes surdos baseada na colaboração entre docentes e intérpretes de LSM.

1.3. Justificativa da realização do estágio

A estagiária escolheu o tema “Reflexões sobre a colaboração entre docente e intérprete na aprendizagem do estudante surdo do curso de Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique” devido ao interesse em compreender os desafios patentes no trabalho colaborativo entre docentes e intérpretes no processo de aprendizagem do estudante surdo, bem como consciencializar a todos os envolvidos no PEA sobre a pertinência da colaboração com vista a um bom desempenho do estudante surdo.

Esta escolha foi extremamente preponderante para a sua experiência profissional, pois, permitiu-lhe adquirir conhecimentos profundos em relação à prática colaborativa, interpretação no contexto de sala de aulas e não só, assistência aos estudantes surdos dentro e fora da sala de aulas, com o fim último de contribuir para aprendizagem e um bom desempenho educativo dos estudantes surdos.

Por meio da investigação deste tema, a estagiária adquiriu conhecimentos aprofundados e fundamentais para o aprimoramento de sua prática pedagógica, favorecendo a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e acessível.

2. APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

Nesta secção, faz-se a descrição clara da localização da instituição, seu histórico, objectivos, estrutura orgânica, numero de funcionários, relevância da instituição e da área do estágio para a formação da estagiária e o contributo que se espera do estágio para a instituição e área de estágio.

2.1. Localização

A Universidade Eduardo Mondlane localiza-se na Avenida Julius Nyerere – Campus Universitário da UEM, na Cidade de Maputo, C.P. 257, telefone nr. 21493313, Maputo – Moçambique.

2.2. Breve Historial da FACED

A Faculdade de Educação (FACED) é um centro de reflexão, produção e disseminação de conhecimento teórico e prático sobre a Educação com uma tradição que remota ao período colonial. “é a mais antiga e também referência entre as faculdades do país.

A FACED oferece cursos de graduação a saber: Licenciatura em Psicologia, Licenciatura em Desenvolvimento e Educação de Infância, Licenciatura em Educação Ambiental, Licenciatura em Organização e Gestão da Educação a partir de 2010 e Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique, a partir de 2014.

Oferece também cursos de pós-graduação, na investigação educacional e em actividades de extensão, que incluem a formação em exercício de professores do ensino secundário de modo a contribuir para a melhoria da qualidade da educação em Moçambique.

2.3. Missão, Visão, Valores e Objectivos

2.3.1. Missão da FACED

Formação de profissionais de Educação e Psicologia, realização de estudos científicos e prestação de serviços específicos que contribuam para a melhoria das práticas nas comunidades, organizações e instituições educativas e na formulação de políticas educativas.

2.3.2. Visão da FACED

Ser um centro de formação, investigação e extensão de referência nacional e regional no saber teórico-prático nas áreas da Educação e Psicologia.

2.3.3. Valores da FAGED

A Faculdade de Educação e Psicologia, no exercício das suas actividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, guia-se pelos valores da Universidade Pedagógica, nomeadamente: Autonomia; Liberdade e Democracia; Excelência; Confiança; Globalidade; Responsabilidade Social; Justiça e Equidade.

2.3.4. Objectivos da FAGED

O Regulamento Interno da FAGED (2010), no artigo 5, apresenta os seguintes objectivos de formação superior, investigação científica e extensão:

Ministrar cursos de graduação e pós-graduação em áreas específicas da educação; (ii) Garantir a leccionação de disciplinas e outras matérias de natureza pedagógica e didáctica nos diversos cursos da UEM; (iii) Contribuir para a melhoria da qualidade do pessoal docente e dos graduados do Ensino Secundário, e para o aumento das taxas de sucesso nos exames de admissão, através das acções de formação contínua e em exercícios; (iv) Colaborar com o Ministério da Educação e cultura no apoio aos diferentes subsistemas do Sistema Nacional de Educação (SNE); (v) Desenvolver programas e actividades que promovam e estimulam o desenvolvimento, capacidade de análise e do trabalho individual e em equipa dos estudantes universitários e a melhoria do desempenho profissional do pessoal docente universitário; e (vi) Realizar investigação educacional que contribua para melhorar o processo de ensino e aprendizagem nas escolas e a tomada de decisões bem informadas.

2.4. ESTRUTURA ORGÂNICA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A estrutura orgânica da FAGED desempenha um papel fundamental no funcionamento eficaz da Faculdade. A FAGED é composta por diversos membros, que desempenham funções essenciais, subordinados ao Conselho que é o órgão máximo conforme ilustra a estrutura abaixo:

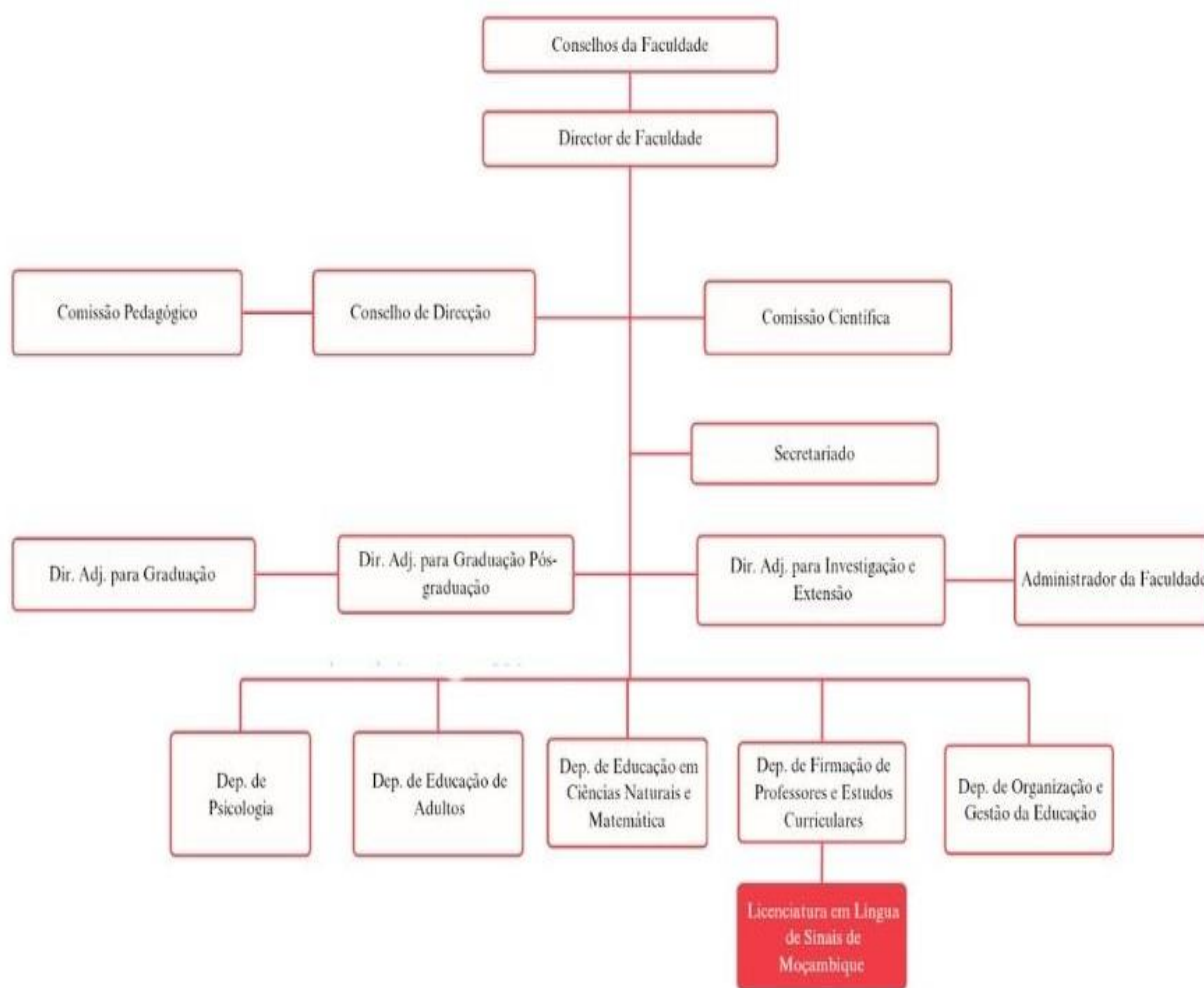


Figura 1: *Estrutura Orgânica da Faculdade de Educação*

De acordo com o Regulamento Interno da FACED (2010), a gestão da FACED é exercida pelos seguintes órgãos: Conselhos da Faculdade, Director da Faculdade, Conselho Pedagógico, Conselho de Direcção, Conselho Científico, onde, o Conselho da FACED é o órgão superior de decisão ao nível da Faculdade e é presidido pelo respectivo Director.

Ao Conselho da Faculdade compete as seguintes funções: pronunciar-se sobre a qualidade e nível de ensino ministrado e aprovar medidas para a sua progressiva elevação (FACED, 2010). A posteriormente temos o Director da Faculdade, a quem lhe competem as seguintes funções: Presidir o Conselho de Direcção e propor ao Conselho da Faculdade as linhas gerais de desenvolvimento da Faculdade.

Encontramos ainda o Conselho Pedagógico, sendo este responsável em propor os princípios gerais, emitir pareceres sobre a orientação pedagógica e os métodos de ensino e de avaliação

de conhecimentos, emitir pareceres sobre a criação, revisão, suspensão ou extinção de recursos ministrados pela Faculdade (FACED, 2017).

O Conselho Pedagógico é seguido pelo Conselho de Direcção, sendo que este é um órgão consultivo e de apoio ao Director para a gestão corrente da Faculdade e é responsável em analisar o funcionamento dos departamentos e de outras unidades subordinadas.

E, por fim, o Conselho Científico, sendo este o órgão de apoio e consulta do Conselho da Faculdade e do Director em matérias de gestão científica da Faculdade, pois a este compete apreciar e emitir pareceres sobre a promoção, formação técnico científica e de pós-graduação de docentes, para homologação do Reitor.

Considerando a sua missão de contribuir para a formação de profissionais de Educação, a FACED realiza as suas actividades em duas áreas: departamentos Académicos e Departamento de Administração e Finanças (FACED, 2017).

O Departamento de Administração e Finanças está dividido em três (3) repartições, a saber: Secretaria, Finanças e Registo Académico; e duas (2) secções, a saber: Contabilidade Tesouraria, e de Apoio Geral. Este departamento desenvolve as seguintes actividades:

- (i) Planificação e organização das actividades em Recursos Humanos da Faculdade, no âmbito de recrutamento, selecção e promoção do pessoal, em colaboração com a Direcção dos Recursos Humanos Centrais;
- (ii) Administração dos serviços do registo dos estudantes, organização dos processos individuais e divulgação dos resultados dos estudantes; classificação das receitas e despesas; colaboração nas defesas de trabalho de fim do curso e / ou exames de estado, coordenação com o Registo Académico da UEM para emissão de certificados; colaboração, controlo e reconciliação bancária das receitas próprias; coordenação das actividades de higiene e limpeza; e auxílio das actividades dos docentes (FACED, 2017).

O Departamento de Psicologia, Educação em Ciências Naturais e Matemática, Organização e Gestão da Educação, Formação de Professores e Estudos Curriculares e da Educação de Adultos.

O Departamento Académico desenvolve as seguintes actividades:

- (i) Coordenação da formação a nível de graduação e pós-graduação em psicologia e desenvolvimento e educação da infância, em educação ambiental e em ciências naturais e matemática, em organização e gestão da educação, em formação de professores e estudos curriculares e educação de adultos;

Segundo Currículo do Curso de LLSM (2013), o curso de LLSM encontra-se no Departamento de Formação de Professores e Estudos Curriculares e foi introduzido em 2014. É oferecido a jovens e adultos, surdos e ouvintes que tenham concluído a 12ª classe do SNE ou equivalente, desde que reúnam os requisitos básicos exigidos para o ingresso no ensino superior em Moçambique.

Procurando acomodar as políticas educativas inclusivas do Governo de Moçambique e do MINED em particular, a FACED introduziu o curso de Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique, pretendendo, deste modo, responder às necessidades de formação e qualificação de docentes na área de Língua de Sinais de Moçambique; melhorar o acesso e a qualidade de ensino oferecido aos alunos Surdos através de um processo de iniciação da alfabetização em língua de sinais anterior ao da alfabetização em língua portuguesa; permitir a mobilidade do cidadão, promover a integração regional e no mundo e, por conseguinte, promover a Cultura Surda como o *modus vivendo* que se traduz na forma característica dos surdos apreenderem o mundo como fonte de valores e comportamentos comumente aceites e partilhados.

O curso de Licenciatura em LSM insere-se no plano de desenvolvimento da FACED. Tem a duração de quatro anos, é organizado por semestres, traduzido no sistema de créditos, baseado em competências e é centrado em metodologias participativas de ensino, essencialmente visuais.

É atribuído um grande peso às disciplinas nucleares e ao estágio final por se tratar de um curso cujo domínio prático e interactivo da LSM é essencial. A conclusão do presente curso com sucesso, habilita o graduado a desenvolver as competências nas áreas de Ensino e Interpretação em Língua de Sinais de Moçambique (CCLLSM, 2013).

Zamora (2024), afirma que durante este período, foram realizadas cinco (5) graduações de Licenciados em LSM, seis (6) edições de Estágios supervisionados na Escola Especial número 1, ESJM, CREI, IFP da Munhuana e na FACED, e revisão Curricular para a proposta do curso no regime laboral e pós-laboral.

2.5. Número de funcionários

No que concerne ao número de funcionários, a FACED apresenta noventa e seis (96) docentes a tempo inteiro, sendo dezanove (19) a tempo parcial. Em relação ao corpo técnico-administrativo, apresenta quarenta e um (41) técnicos efectivos e seis (6) técnicos contratados (FACED, 2017).

Segundo Zamora (2024), o curso de LLSM conta actualmente com dezoito (18) docentes, seis (6) intérpretes, quatro (4) tutores de turma, oito (8) representantes de turma e um (1) técnico de laboratório de LSM.

2.6. Características da turma de realização do estágio

O Laboratório de Língua de Sinais, situa-se no antigo edifício da Faculdade de Educação UEM, segundo piso, à esquerda. A turma de Língua de Sinais de Moçambique, 3º Ano, é composta por vinte e seis (26) estudantes, sendo seis (6) do sexo masculino e 20 do sexo feminino, cujas idades variam entre 20 e 40 anos. Destes, dois (2) estudantes são surdos e um (1) hipoacúsio e com limitações físicas motoras notáveis.

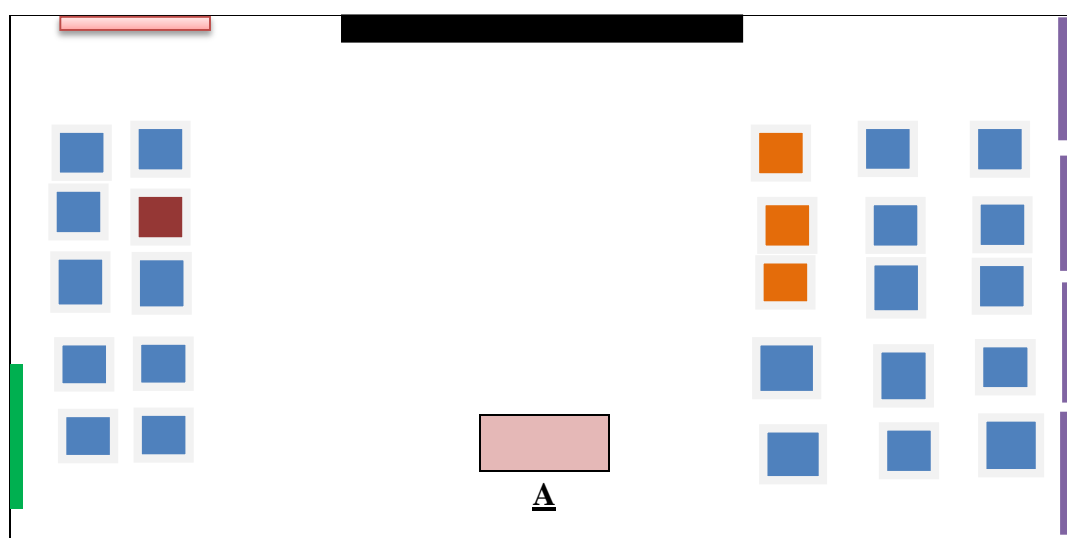


Figura 2: Estrutura da sala de aula (Laboratório de LSM), 3º Ano de LSM VI

Figura 3: Legenda da figura da estrutura da sala de aula

Figura	Designação
<u>A</u>	Cadeira do professor
	Secretária do professor
	Intérprete (eestagiária)
	Estudantes ouvintes
	Estudantes surdos
	Quadro
	Porta
	Janelas
	Espelho

Fonte: Adaptada pela estagiária

A interpretação na turma do 3º ano, segundo semestre baseava-se no seguinte horário:

Tabela 1: Horário da turma do estágio 3º Ano - 2º semestre

Horas	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
07:00-07:50	EDC	DELSM II	LSM VI	DELSM II	EDC
07:55-08:45	EDC	DELSM II	LSM VI	DELSMII	EDC
08:50 – 09:40	PMELSM	DELSM II	LSM VI	PANEE	LSM VI
09:40-09:55	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
09:55 – 10:45	PMELSM	PANEE	EI	PANEE	LSM VI
10:50 – 11:40	PMELSM	PANEE	EI	PANEE	LSM VI

Fonte: Direcção da FACED (2024)

2.7. Relevância da instituição e da área de estágio para a formação da estagiária

A instituição de realização de estágio (FACED), foi relevante para a formação da estagiária porque possibilitou uma experiência pré-profissional na mediação, assistência e principalmente na interpretação de diversos conteúdos em Língua de Sinais de Moçambique.

Analogamente, o estágio possibilitou não apenas o desenvolvimento de competências profissionais, mas também a produção de conhecimentos relevantes para a área da Educação Inclusiva em Moçambique.

O local do estágio foi extremamente preponderante, pois, auxiliou na compreensão de práticas, desafios e possibilidades da colaboração entre docentes e intérpretes de Língua de Sinais e o impacto deste trabalho colaborativo na aprendizagem dos estudantes surdos.

Contribuiu também para a formação da estagiária, porque possibilitou a aquisição de competências e habilidades de comunicação em língua de sinais e propiciou uma experiência profissional e prática na área de interpretação em Língua de Sinais de Moçambique em diferentes contextos, como: sala de aulas, conferências, reuniões e palestras.

2.8. Contributo esperado da estagiária para a instituição e área de estágio

Na instituição e área de estágio, esperava-se que a estagiária, através dos os seus conhecimentos teóricos e práticos, impulsionasse a interpretação em Língua de Sinais de Moçambique nas diferentes unidades curriculares, que transmitisse conhecimentos, quebrar barreiras comunicacionais entre estudantes surdos com os ouvintes.

3. PLANO DE ACTIVIDADES

A secção apresenta as principais actividades planificadas na UEM – FACED ao longo do estágio no período de 23 de Setembro de 2024 a 17 de Março de 2025.

Para a elaboração do plano de actividades recorreu-se ao horário da turma, a orientação da supervisora, assim como da orientadora.

Tabela 2: Plano de actividades realizadas ao longo do estágio

Semanas	Actividades	Objectivos	Carga horária
23.09.2024 à 06.10.2024	Apresentação e integração na instituição do estágio; Entrega do horário do estágio pelos orientadores; Apresentação das turmas à estagiária; Assistência das aulas e interpretação pela estagiária de modo a adquirir experiência de como interpretar; Interpretação das aulas.	Apresentar-se e integrar-se na instituição; Entrega do horário pelos orientadores. Apresentar-se às turmas do estágio; Assistir as aulas e interpretação de modo a desenvolver competências de interpretação; Assistir e interpretar as aulas.	120 Horas
07/10/2024 à 20/10/2024	Observação e interpretação das aulas; Realização da 1ª avaliação; Controlo e assistência dos estudantes surdos durante a avaliação; Elaboração do plano quinzenal.	Observar e interpretar as aulas; Interpretar a 1ª avaliação; Assistir os estudantes surdos durante a avaliação; Elaborar o plano quinzenal.	120 horas
21/10/2024 à 03/11/2024	Observação e interpretação de trabalhos apresentados pelos estudantes; Assistência à simulação de aulas; Elaboração do plano quinzenal.	Observar e interpretar os trabalhos apresentados pelos estudantes; Assistir e mediar as aulas simuladas; Elaborar plano quinzenal.	120 horas

04/11/2024 à 18/11/24	Observação e interpretação das aulas; Observação e interpretação dos trabalhos em grupo; Elaboração do plano quinzenal.	Observar e interpretar as aulas; Observar e interpretar os trabalhos em grupo apresentados; Elaborar o plano quinzenal.	120
17/02/2025 à 02/03/2025	Observação e interpretação das aulas; Encontro com os orientadores; Elaboração do plano quinzenal.	Observar e interpretar as aulas; Receber direcção em relação a interpretação e planificação das actividades; Elaborar os planos quinzenais.	120
03/03/2025 à 17/03/2025	Observação e interpretação das aulas; Assistência e auxílio aos estudantes; Elaboração do plano quinzenal. Considerações finais.	Observar e interpretar as aulas; Assistir e auxiliar os estudantes; Elaborar o plano quinzenal. Considerações finais	120
Total			720 Horas

Fonte: Elaborada pela estagiária

A estagiária

A orientadora

A supervisora

(Balbina Armando Simbine)

(Mestre Alcinda Valentim)

(Mestre Rosalina Zamora Jorge)

4. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA ESTAGIÁRIA

Neste tópico são apresentadas as actividades desenvolvidas pela estagiária no local de estágio, a destacar: apresentação e integração na instituição de estágio, observação e interpretação das aulas, dificuldades e soluções encontradas. São destacados também nesta secção, os objectivos de cada actividade e as aprendizagens adquiridas.

4.1. Apresentação e integração na instituição de estágio FACED

A estagiária e seu grupo dirigiram-se à Direcção do Curso especificamente, onde, apresentaram-se e a posterior foram apresentados aos intérpretes (orientadores), que por sua vez apresentaram quatro (4) turmas e a respectiva distribuição por elas. A estagiária foi alocada nas turmas do 2º e 3º Anos respectivamente, onde desenvolveu as actividades de assistência e interpretação de aulas.

4.2. Observações das aulas

A observação de aulas é um método sistemático e intencional de colecta de dados, envolvendo a análise e descrição objectiva de eventos e comportamentos observados em um ambiente de ensino, com o propósito de entender, avaliar e melhorar a prática pedagógica. É uma actividade amplamente utilizada na área educacional, que visa compreender o processo de ensino e aprendizagem ocorrendo em sala de aulas (Gordon e Ross-Gordon, 2014).

Observação de aulas é uma prática pedagógica que envolve a análise sistemática da interacção entre professor e alunos, o ambiente da sala de aulas e as actividades realizadas durante a aula.

Por meio da observação na sala de aulas, foi possível para a estagiária angariar informações valiosas sobre as estratégias de interpretação utilizadas pelos intérpretes nas diferentes disciplinas, a actuação dos estudantes, a interacção em sala de aulas e o contexto de ensino e aprendizagem. Estas experiências contribuíram significativamente para que a estagiária pudesse engrenar na actividade de interpretação enquadrada na postura em sala de aulas.

No que tange à relação docentes, intérpretes e os estudantes, foi possível verificar o empenho de todos os envolvidos na construção do conhecimento e uma relação extremamente amigável acompanhada de muito respeito. Os docentes se dispunham não só a ajudar e auxiliar os estudantes no decorrer das aulas, como também incentivavam o espírito de trabalho e investigação (individual ou em grupo) fora da sala de aulas. Constatou-se também que os intérpretes estavam sempre acessíveis tanto aos estudantes assim como aos docentes. Em suma, havia um bom relacionamento entre todos os intervenientes no PEA. E de acordo com Pilleti

(2004), muito mais importante do que as cortinas e paredes coloridas ou do que a variedade de métodos ou recursos instrucionais utilizados, é o bom relacionamento na sala de aulas.

4.3. Interpretação de aulas

Segundo Famularo (1999), interpretação é um processo que envolve a necessidade de tomar decisões sintáticas, semânticas e pragmáticas, tendo em conta a cultura dos falantes das duas línguas. A interpretação não é tarefa fácil, uma vez que não envolve meramente um acto mecânico de substituir palavras de uma língua para outra. O intérprete deve conhecer com profundidade tanto a língua portuguesa quanto a língua de sinais para que compreenda as intenções de quem fala, encontrando os termos equivalentes possíveis.

A estagiária interpretava as aulas de todas as disciplinas, excepto a de LSM, mediava a transmissão dos conteúdos das aulas garantindo a inclusão e acesso ao conhecimento. A estagiária actuava também na mediação da comunicação entre docente e o estudante surdo.

4.4. Dificuldades e soluções encontradas

As principais dificuldades enfrentadas foram: i) falta de padronização dos sinais; ii) falta de comunicação para a disponibilização dos conteúdos a serem leccionados para uma preparação antecipada, o que exigia um esforço redobrado na interpretação e mediação das aulas; iii) soletração de palavras repetidas vezes, isto pela fraca capacidade de percepção de palavras soletradas (e muitas vezes a soletração é acompanhada de explicação do significado dessas mesmas palavras, isso leva muito mais tempo); iv) a falta de colaboração de alguns estudantes para a preparação e disponibilização dos trabalhos em grupo para um preparo antecipado; v) défice de sinais durante a interpretação; vi) falta de atenção de alguns estudantes durante as aulas; e vii) fraca participação dos alunos durante a aula.

As soluções encontradas para superar as dificuldades foram: i) encontros de revisão (escrita de palavras, significados e seus respectivos sinais) com vista à padronização dos sinais; ii) neste aspecto, a estagiária interveio juntamente com os orientadores, começando por explicar a necessidade de se ter o material atempadamente, o que infelizmente não se resolveu na totalidade, mas melhorou muito, pois alguns docentes disponibilizavam o material, outros os temas e tópicos das aulas subsequentes; iii) pedir ao orador que falasse de forma mais branda, de modo a equilibrar a explanação e a interpretação; iv) explicava aos estudantes a necessidade e a importância da preparação prévia das apresentações, mostrando exemplos reais de colegas que preparavam as suas apresentações; v) os intérpretes apoiavam durante e no final das aulas e recomendavam diálogo com os estudantes surdos, consultas ao professor Celso e a assistir vídeos em LSM no You Tube;

5. REVISÃO DA LITERATURA

Nesta secção, é apresentado um estudo realizado durante o estágio com objectivo de trazer uma reflexão sobre a colaboração entre docentes e intérpretes de LSM, trazendo abordagens que ajudam a compreender os melhores procedimentos para garantir que haja aprendizagem e um bom desempenho académico dos estudantes surdos. A motivação surge no âmbito de a estagiária constatar diferentes realidades ao longo do processo de assistência e interpretação de aulas na FAGED, e perceber a necessidade de desencadear estratégias e práticas educacionais que contribuam para o alavancamento ou o melhoramento dos estudantes com deficiência auditiva por meio da acção colaborativa. Para o efeito, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e recorreu-se também à observação.

5.1. Definição de conceitos

Nesta fase, serão apresentados os conceitos fundamentais para a compreensão do tema em causa, que são: colaboração, docente, intérprete de língua de sinais, aprendizagem e estudante surdo.

5.1.1. Colaboração

Para Ferreira (2018), colaboração é um processo recursivo em que duas ou mais pessoas e/ou organizações trabalham juntas para realizar objectivos comuns pelo compartilhamento de conhecimento, aprendizagem e construção de consenso.

E na perspectiva de Roschelle e Teasley (1995) colaboração é uma actividade coordenada e síncrona, resultado de uma tentativa contínua de manter um entendimento compartilhado de um problema.

Nesta senda, entendemos que colaboração é um processo através do qual os indivíduos negociam e compartilham entendimentos relevantes à resolução de um problema, ou seja, a colaboração pressupõe o envolvimento mútuo dos participantes num esforço coordenado e síncrono na resolução de tarefa ou problema. A colaboração envolve a construção do conhecimento através da interacção com outros indivíduos e caracteriza-se pelo trabalho em equipa.

5.1.2. Docente

De acordo com o dicionário online de Português, disponível no site <http://www.dicio.com.br>, o termo docente, tem origem no latim *docens. entis* e é a pessoa que ministra aulas ou o responsável pelo ensino. Relacionado com quem ensina e ministra aulas, ou ainda que trabalha como professor.

Docente, é uma pessoa que ensina algo a outras pessoas, geralmente na escola, faculdade ou Universidade. Se dedica profissionalmente à docência em determinada área de conhecimento e é o mesmo que professor.

5.1.3. Intérprete de Língua de Sinais

Segundo Quadros (2004), Intérprete de Língua de Sinais é a pessoa que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determina língua de sinais.

Para Souza (2017), intérprete de língua de sinais é o profissional que faz a mediação do processo de comunicação de uma determinada língua para outra, envolvendo duas ou mais pessoas, o qual deve contemplar na língua de sinais uma língua oral-auditiva e outra visual-espacial.

Podemos concluir com base nas ideias apresentadas acima que intérprete de língua de sinais (ILS) é um profissional que actua como mediador na comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, interpretando de língua de sinais para língua oral e vice-versa.

Para Anater e Passos (2010), no contexto educacional, o intérprete deve ser visto como uma peça fundamental que medeia e facilita o processo de interação, que transmite conteúdos que são fornecidos pelo professor à pessoa surda, com objectivo de fornecer a informação e o entendimento referentes às mensagens verbais e escritas da língua maioritária ouvinte, ou seja, uma ponte que interliga culturas.

5.1.4. Aprendizagem

Para Piletti (2004), aprendizagem é o processo de aquisição mais ou menos consciente, de novos, padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir.

Coelho e José (1999) definem aprendizagem como o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maduro, que se expressa, diante de uma situação, problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência.

Com base nas definições supracitadas, aprendizagem é um processo de aquisição de conhecimentos, que ocorre através da interação com outras pessoas, especialmente a mediação de indivíduos mais experientes.

Neste caso, a aprendizagem do estudante surdo, entende-se como um processo dinâmico e interactivo do indivíduo com o mundo que o cerca, garantindo-lhe a apropriação de conhecimentos e estratégias adaptativas a partir de suas iniciativas e interesses e dos estímulos que recebe de seu meio social.

Portanto, a aprendizagem colaborativa descrita como um processo educativo baseado na participação activa e na interacção entre os envolvidos, pode ser aplicada também na relação entre professores e ILS no contexto da educação de estudantes surdos. Assim como os alunos aprendem melhor ao cooperar entre si, o sucesso da aprendizagem do estudante surdo depende também da colaboração eficaz entre o docente e o intérprete.

5.1.5. Estudante surdo

Segundo Quadros (2004), estudante surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais.

Moura e Cunha (2011), definem estudante surdo como aquele que apresenta perda auditiva variando de leve a profunda, que pode compreender a comunicação oral e a aquisição da linguagem.

Assim, estudante surdo é aquele que apresenta a perda auditiva leve ou profunda e aprende por meio de experiências visuais, isto é, é uma pessoa que compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente através da língua de sinais.

5.2. Colaboração entre os docentes e intérpretes

A colaboração entre docentes e intérpretes de língua de sinais é uma parceria fundamental na educação de estudantes surdos e requer um trabalho articulado entre eles, ou seja, é uma aliança pedagógica e comunicativa que visa promover o acesso à aprendizagem e a inclusão efectiva do estudante surdo.

De acordo com Casal e Fragoso (2019), o trabalho colaborativo entre professor e intérprete é um processo articulado que permite melhorar os resultados do processo de escolarização de

estudantes surdos e é um dos caminhos mais eficientes para o desenvolvimento da educação inclusiva.

Deste modo, presença do ILS na sala de aulas é fundamental para garantir a acessibilidade linguística de estudantes surdos, ressaltando que o intérprete não substitui o papel pedagógico do docente.

Quadros (2004), afirma que a função do intérprete não é ensinar, mas garantir o acesso linguístico e acrescenta ainda que a função do intérprete na sala de aulas é de intermediar e interpretar a relação do aluno surdo com os professores ouvintes no que diz respeito ao conhecimento, com os colegas ouvintes e as demais pessoas envolvidas neste ambiente.

No que concerne a este ponto, foi possível constatar durante o estágio que a actuação do intérprete se circunscrevia em intermediar em diferentes momentos visando facilitar a comunicação do estudante surdo com os docentes, colegas e os demais envolvidos no ambiente escolar.

Fernandes (2008), destaca que é necessário haver interacção entre professor e o aluno surdo, pois, a linguagem se constitui na interacção com os outros sujeitos e que, para tal, não basta ensiná-la ao surdo, é necessário inseri-la em um diálogo, de modo que, por meio do processo de interacção, se possa chegar à construção de significados. A actuação do intérprete no processo de aprendizagem do estudante surdo, não deve interferir na relação entre o docente e o estudante.

Portanto, mesmo que o docente não disponha de conhecimentos sobre a língua de sinais, ele deve buscar essa interacção com o estudante surdo, por meio do intérprete, realidade vivenciada durante o estágio, pois, foi possível notar a comunicação entre os docentes (que na sua maioria não têm domínio da LSM) e os estudantes surdos durante as aulas por intermédio do intérprete.

De acordo com Lacerda (2009), o professor é responsável pelo planeamento das aulas, por decidir quais são os conteúdos adequados, pelo desenvolvimento e pela avaliação dos alunos. Todavia, o intérprete educacional conhece bem os alunos surdos e pode colaborar com o professor sugerindo actividades e indicando processos que foram menos complicados.

Afirma ainda que é preciso que haja um relacionamento franco e aberto que possibilite troca de experiências e mudanças de práticas entre docentes e intérpretes, um ouvindo o outro numa relação de parceria.

Corroborando com Lacerda, Casal e Fragoso (2019) destacam também a importância de haver condições que possibilitem a implementação e ampliação de espaços capazes de garantir a comunicação e a troca de saberes entre professores e intérpretes.

Quadros (2004), enfatiza que é necessário um trabalho colaborativo em que o intérprete compreenda o conteúdo e o professor compreenda o papel do intérprete e que a presença do intérprete não substitua a relação professor / aluno.

Desta feita, entendemos que o docente é a figura que liga vários aspectos pedagógicos da sala de aulas, e ao intérprete cabe a função de mediar a interação dos estudantes surdos com os demais e colaborar com o docente em relação à sua aprendizagem.

A relação entre docente e intérprete deve ser regida de diálogo, transparência, troca de experiências e busca por práticas que promovam mudanças efetivas, garantindo que o processo de aprendizagem ocorra plenamente.

No entanto, o docente e o intérprete devem trabalhar de forma integrada, sabendo cada um tem suas responsabilidades e que o seu cumprimento depende do preparo antecipado baseado na partilha dos conteúdos a serem tratados na aula (plano analítico, plano de aula, fichas, slides, etc).

Para que alunos surdos e ouvintes tenham um grau de desenvolvimento satisfatório na mesma sala de aula, o trabalho de parceria entre o intérprete e o professor, para além de desejável, é fundamental. A intérprete tem condições de contribuir nas questões relativas às especificidades de aprendizagem dos surdos, pois visualiza com mais clareza as necessidades destes alunos, bem como as formas pelas quais eles se apropriam do processo de aprendizagem (Zampieri, 2006).

5.3. Desafios enfrentados pelos intérpretes e docentes na prática colaborativa

A prática colaborativa entre docentes e intérpretes envolve uma série de desafios que impactam diretamente a qualidade do ensino oferecido a estudantes surdos. Tanto o docente como o intérprete, possuem funções distintas no ambiente escolar, mas o sucesso na aprendizagem depende da construção de uma colaboração respeitosa, articulada e contínua.

De acordo com Pereira (2013), os professores assim como os intérpretes, muitas vezes não compreendem o papel um do outro, por isso, Lacerda (2009) salienta que os papéis precisam ser sempre discutidos, porque a sala de aulas é sempre dinâmica, envolve solicitações dos alunos e, é importante que as responsabilidades de cada um estejam claras.

Nesta senda, entende-se que o docente precisa se reconhecer e ser reconhecido como o responsável pela aprendizagem dirigida aos alunos surdos e ouvintes, assim como o intérprete deve estar esclarecido que a sua função é propiciar ao estudante surdo, através da interpretação, a condição linguística adequada para a assimilação do conhecimento.

Durante o período de estágio, a observação permitiu verificar dificuldade na comunicação, o que condiciona a circulação de informação mesmo com a presença do intérprete, o desconhecimento da LS, mas principalmente da cultura surda por parte de alguns docentes, o que condiciona em algum momento a efectividade da colaboração por não compreenderem a relevância da mesma em relação ao ensino e aprendizagem dos surdos.

Temos, por um lado, a formação inadequada e as expectativas desalinhadas, o que causa dificuldades na compreensão do papel um do outro dentro da sala de aulas, pois, enquanto o professor espera que o intérprete explique, o intérprete se vê limitado à interpretação e por outro lado, vocabulário limitado.

Por isso, Lacerda (2003), reforça que além de conhecer a língua de sinais e a comunidade surda, a tarefa do intérprete lhe exige o conhecimento e a pesquisa (livros, ilustrações e outros) para auxiliar o aluno surdo a elaborar os conhecimentos pretendidos.

Segundo o Currículo do Curso de LLSM (2013), o intérprete de Língua de Sinais de Moçambique é responsável por estabelecer a comunicação entre as pessoas surdas e ouvintes e interpretar as matérias escritas ou faladas para a Língua de Sinais de Moçambique e vice-versa. Para tal, deve ocupar-se na formação, comunicação, informação nas diferentes áreas sociais, na educação formal, na não-formal e na informal. Deve também, apresentar o domínio da gramática e do vocabulário, assim como das suas aplicações e desenvolvimento linguístico.

Este processo, está directamente relacionado à forma como o intérprete vai actuar durante a interpretação, a fim de que o estudante surdo tenha uma informação fidedigna, clara e completa. Logo, o intérprete deve ter domínio não só da língua de sinais, como também, apresentar o domínio da gramática e do vocabulário, assim como das suas aplicações e desenvolvimento linguístico, no sentido de auxiliar o estudante e colaborar com o docente em prol da aprendizagem do estudante surdo.

Em síntese, entendemos que o desafio que mais arrola na colaboração entre docentes e intérpretes é a falta de comunicação ou diálogo no que tange ao trabalho a ser exercido na sala de aulas, o que por sua vez compromete toda a actividade subsequente.

5.4. Estratégias de colaboração que contribuem para a aprendizagem do estudante surdo

Para garantir um bom desempenho qualitativo do estudante surdo, é essencial que a colaboração entre docentes e intérpretes vá além de simples mediação linguística. Por isso, se faz necessário abordar as estratégias de colaboração que têm impacto directo na qualidade da aprendizagem deste estudante.

Lacerda (2002), apresenta as seguintes estratégias de colaboração:

- i) Uso do material visual associado à mediação do intérprete;
- ii) Incremento de exemplos contextuais que façam parte do cotidiano do aluno surdo para que possam favorecer essa aprendizagem;
- iii) A construção coletiva (entre intérprete de LS e o professor), de textos com inputs visuais (imagens coerentes com o conteúdo do texto);
- iv) Exposição dialógica expondo experiências biculturais e bilíngues – é uma estratégia que caracteriza-se pela exposição de conteúdos, mas de forma interactiva, envolvendo os estudantes por meio de perguntas para estimular a participação activa, a reflexão e a construção do conhecimento;
- v) Reforço datilológico seguido do sinal correspondente – enquanto o docente explica a matéria, o intérprete pode recorrer a soletração de palavras complexas e de seguida o respectivo sinal;
- vi) Uso de figuras ou imagens visuais para auxiliar na explicação do conteúdo – o uso de recursos visuais inclui incorporar vídeos legendados, imagens, mapas e esquemas para tornar o conteúdo mais acessível e adaptar textos longos ou complexos para versões mais visuais ou em LSM;

Nesse momento, é preciso que o docente tenha percepção da dificuldade do estudante ou do intérprete durante a mediação e busque o uso dos recursos visuais para que o surdo tenha acesso à informação, ou, pode ainda fazer o uso do quadro quando necessário (para fazer um desenho ou escrever palavras chave e complexas) e pode favorecer a exploração conceitual enquanto o professor faz a explanação.

O intérprete pode em colaboração com o docente propor o uso desta estratégia, pois a comunicação visual facilita a compreensão do conteúdo para os estudantes surdos que aprendem por meio da visão.

- vii) Ambiente de sala de aula acessível - é preciso que o intérprete esteja posicionado em lugar visível, tanto para o estudante quanto para o docente e o docente deve evitar dar aulas de costas ou falar enquanto escreve no quadro para que a interpretação não seja comprometida e garantir iluminação adequada e ausência de obstáculos visuais. Nesta estratégia, a vantagem é que o estudante surdo pode acompanhar melhor o intérprete e o professor simultaneamente.
- viii) Adaptação e flexibilidade das avaliações - criar avaliações bilíngues (Português/LS) com apoio do intérprete, permitir apresentação de trabalhos em LS, com gravação em vídeo ou presença de intérprete e avaliar a compreensão de conteúdo, e não domínio da língua portuguesa escrita. Percebe-se que o estudante é avaliado com base em seu potencial e não por barreiras linguísticas.
- ix) Envolvimento da comunidade escolar - promover eventos e actividades inclusivas envolvendo todos os estudantes e estimular a socialização do estudante surdo com seus colegas ouvintes, com apoio do intérprete e mediação do docente. Esta estratégia, contribui para o desenvolvimento emocional, social e académico do estudante surdo.

Lacerda (2006), ressalta que actuação do intérprete precisa estar articulada com a planificação do professor para garantir a participação efectiva do aluno surdo nas actividades escolares.

As autoras Lacerda, Santos e Caetano (2013), destacam a importância do acesso anterior ao conteúdo pelo intérprete, o que pode facilitar sua atuação. Isto pode ser propiciado nos momentos de planificação do professor, embora possa parecer que este momento seja exclusivamente do professor, já que é ele quem seleciona o que e como ensinar em sala de aula, o intérprete por sua vez pode contribuir para uma planificação adequada no contexto inclusivo.

Esta estratégia está relacionada com a partilha da planificação pedagógica, onde, acontece a antecipação de conceitos e de vocabulário técnico, permitindo que o intérprete prepare sinais equivalentes ou estratégias visuais. Inclui também, reuniões frequentes entre docente e intérpretes para discutirem objectivos, conteúdos, abordagens e terminologias específicas. Neste caso, o intérprete compreende o conteúdo e pode fazer uma mediação mais fiel e clara, aumentando a compreensão do estudante surdo.

6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1. Conclusões

Este relatório tinha como objectivo analisar a colaboração entre docentes e intérpretes de LSM na aprendizagem do estudante surdo e os resultados obtidos nesta pesquisa permitiram chegar a algumas conclusões.

Conforme mencionado ao longo do relatório, para os autores Casal e Fragoso, o trabalho colaborativo entre professor e intérprete é um processo articulado que permite melhorar os resultados do processo de escolarização de estudantes surdos e é um dos caminhos mais eficientes para o desenvolvimento da educação inclusiva. Por um lado, Fernandes, destaca a necessidade de haver interacção entre professor e o aluno surdo, pois, a linguagem se constitui na interacção com os outros, por outro, Lacerda (2009), destaca que deve haver um relacionamento aberto que visa a troca de experiencias e mudança de práticas entre docente e intérprete. Quadros, enfatiza que é necessário um trabalho colaborativo em que o intérprete compreenda o conteúdo e o professor compreenda o papel do intérprete e que a presença do intérprete não substitui a relação professor e aluno. Assim, constatamos que a colaboração entre docentes e interpretes de LSM, existe, mas não na totalidade, há ainda muito que se fazer nesta área específica.

Diante destas abordagens, concluímos que a colaboração entre docente e o intérprete de LSM, para além de desejável, é fundamental, uma vez que o intérprete tem condições de contribuir em questões ligadas às especificidades de aprendizagem dos surdos. E deve haver uma relação aberta e de colaboração ou parceria, que vai facultar a comunicação e troca de impressões no contexto educacional.

Quanto aos desafios enfrentados pelos docentes e intérpretes no trabalho colaborativo, os autores apontam como um dos desafios a confusão na percepção dos papéis uns dos outros, por isso Lacerda propõe a discussão dos mesmos de modo que as responsabilidades de cada um sejam clarificadas e o trabalho ocorra sem sobressaltos. Concluimos também que a falta de comunicação entre os profissionais, o desconhecimento da cultura surda, formação inadequada constituem também grandes desafios na efectivação da colaboração. Anexamos a estes, a falta de condições para a partilha do material a ser usado na aula, tais como: falta de tempo, recursos, internet, pesquisa e de estratégias de produção do material didáctico.

Relativamente a estratégias de colaboração que contribuem para a aprendizagem do estudante surdo, Lacerda apresenta um leque conforme destacadas na revisão de literatura, mas no nosso

entender, destacamos como estratégias fundamentais para a aprendizagem do surdo, a planificação compartilhada, o uso do material visual associado à mediação do intérprete, o que significa que, não basta apenas a presença do intérprete na sala de aulas, deve haver diálogo constante entre docentes e intérpretes e a partilha dos conteúdos para permitir que, uma vez o docente já preparado, o intérprete também possa se preparar associando desta forma os conteúdos ou o material à sua mediação. Por um lado, concordamos sim que os docentes devem passar os conteúdos aos intérpretes e por outro lado, acreditamos que os intérpretes também devem se preocupar em solicitar os conteúdos para o preparo prévio da aula.

Deve se adoptar também a construção coletiva de textos com inputs visuais, o reforço datilológico seguido do sinal correspondente e o uso de figuras ou imagens visuais para auxiliar na explicação do conteúdo (legendas, imagens, mapas, esquemas e adaptar textos para versões mais visuais ou em LSM), adaptação e flexibilidade das avaliações, o interesse dos estudantes e o incentivo à sistematização e revisão das matérias.

Em suma, a colaboração entre docentes e intérpretes precisa ser intencional, contínua e planificada, o foco deve estar sempre na garantia do direito à aprendizagem do estudante surdo, respeitando sua língua, cultura e suas formas de expressão e compreensão do mundo.

6.2. Recomendações

Depois da pesquisa realizada e as conclusões apresentadas, esta secção apresenta um conjunto de recomendações práticas e essenciais que vão de acordo com o tema deste relatório e que promovem a inclusão e aprendizagem de estudantes surdos. As recomendações que seguem, abrangem aspectos relacionados com a comunicação, recursos visuais, motivação e apoio individualizado com vista a criar um ambiente inclusivo.

Estabelecer meios de comunicação claros e frequentes entre docentes e intérpretes, antes e depois das aulas, para troca de informações relativas à aprendizagem dos estudantes surdos.

Formação dos docentes em relação a surdes e a comunidade surda:

Formações conjuntas, onde os docentes e intérpretes possam compreender os seus papéis, estratégias de colaboração, incluindo adopção de estratégias de mediação pedagógica para estudantes surdos.

Colaboração entre docentes e intérpretes, onde vai-se considerar o estilo de aprendizagem do estudante surdo, complexidade dos termos, antecipação dos conteúdos a serem abordados na aula e a necessidade de pausas durante a interpretação e compreensão das matérias.

Disponibilização prévia dos conteúdos e matérias que serão trabalhadas na aula (slides, textos, vídeos, etc), para que o intérprete possa preparar sinais específicos, sanar dificuldades, terminológicas e garantir uma interpretação mais fiel ao conteúdo.

Aos intérpretes, devem preocupar-se em ter a informação atempadamente porque é também da sua responsabilidade preparar a aula;

Investir em pesquisas constantes com vista a enriquecer a sua bagagem linguística;

Adoptar estratégias práticas de apoio aos estudantes surdos de forma a sistematizar e ter domínio das matérias.

Incentivar os estudantes surdos a fazerem a consultas ao dicionário, jogos de consolidação e a sistematizar os conteúdos estudados, estimulando neles a autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anater, G. I. P., & Passos, G. C. R. (2010). Tradutor e intérprete de língua de sinais: historia. Experiencias e caminhos de formação. In Cadernos de tradução. Florianópolis: UFSC/PGET
- Casal, J. C. V., & Fragoso, F. M. R. A. (2019). *Trabalho colaborativo entre os professores do ensino regular e da educação especial*. V5. Revista Educação Especial. UFSM
- CCLLSM. (2013). Currículo do curso de licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique. FACED
- Coelho, M. T., & José, E. A. (1999). *Problemas de aprendizagem*. São Paulo: Ática
- FACED. (2010). *Regulamento Interno da Faculdade de Educação*. Maputo:UEM
- FACED. (2014). *Regulamento de Estágios dos Cursos de Graduação pela Faculdade de Educação*. Maputo: UEM
- FACED. (2017). *Regulamento de Estágios dos cursos de graduação da Faculdade de Educação*. Maputo: UEM
- Famularo, R. (1999). *Intervenção do Intérprete de língua de sinais e línguas orais em contacto pedagógico de integração*. V1. Porto Alegre, Mediação
- Fernandes, E. (2008). *Surdez e Bilinguismo*. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação
- Ferreira, R. B. (2018). *A prática colaborativa: Tradição contemporaneidade*. Salvador. EDUFBA
- Gil, A. C. (2008). Como elaborar projecto de pesquisa. 4ª Ed. São Paulo: atlas.
- Glickman, C. D., Gordon, S. P., & Ross-Gordon, J. M. (2014). *Supervisão e liderança instrucional: Uma abordagem de desenvolvimento*. 9ª ed. Pearson
- <http://www.dicio.com.br>
- Lacerda, C. B. F. (2002). *O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades*. Porto Alegre: Mediação
- Lacerda, C. B. F. (2003). *O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades*. Porto Alegre: Mediação
- Lacerda, C. B. F. (2006). *A inclusão escolar de surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre experiencia*. Cadernos CEDES

- Lacerda, C. B. F. (2009). *Intérprete de Libras em Actuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental*. Porto Alegre: Mediação
- Lacerda, C. B. F. (2010). *Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: Formação e Actualização nos Espaços Educacionais Inclusivos*. V36. Cadernos da Educação
- Lacerda, C. B. F., Santos, L.F. & Caetano, J. F. (2013). *Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos*: São Carlos. EDUFSCar
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª ed. São Paulo: atlas S. A Editora
- Moura, M. C. P., & Cunha, M. J. A. (2011). *Surdez e linguagem: Aspectos e implicações na educação*. Wak Editora
- Mota, S. G., & Pereira, F. E. L. (s/d). *Desenvolvimento e Aprendizagem: Processo de Construção do Conhecimento e Desenvolvimento Mental do Indivíduo*. Br
- Ngunga, A., Abudo, A., Nhantumbo, D., Zandamela, I., & Maguana, L. (2013). *Dicionário de Língua de Sinas de Moçambique*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM Editora
- Pereira, P. (2013). *A importância da autoavaliação para garantir a qualidade das instituições de educação superior*. Pernambuco
- Piletti, C. (2004). *Didáctica geral*. São Paulo: Editora Àtica
- Quadros, R. M. (2004). *O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Brasília
- Roschelle, J., & Teasley, S. D. (1995). *A construção de conhecimento compartilhado na resolução colaborativa de problemas*. Springer Berlin. Melley editora
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed. rev. e actual. São Paulo: Correz
- Silva, C. R. (2010). *A Relação Pedagógica entre o Professor Ouvinte e o Intérprete Educacional de Língua de Sinais*. Fortaleza. UFC
- Souza, P. S. (2017). *Relação entre Intérpretes Educacionais: Entraves e Benefícios na Disseminação da Língua de Sinais*. São Luís
- Zamora, R. (2024). *Os desafios dos estudantes com deficiência no ensino superior*. FAGED

Apêndices

Anexos

Apêndices

Planos quinzenais



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS
CURRICULARES

Plano e Relatório Quinzenal de Estágio

Período: de 23/09/2024 à 10/10/2024

Local de estágio: Faculdade de Educação

Nome da estagiária: Balbina Armando Simbine

Curso: Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique

Actividade principal da estagiária: Interpretação e auxílio de aulas

Actividades planificadas para o período	Actividades realizadas neste período:
Unidades curriculares: Linguística de Língua de Sinais de Moçambique II, Didáctica de Ensino da Língua de Sinais de Moçambique II. - Apresentação na instituição de estágio; - Observação das aulas e interacção entre estudantes surdos e os docentes; - Interpretação das aulas - Auxiliar os surdos na preparação para avaliação - Auxiliar os estudantes surdos na formação e integração de grupos de estudo.	 - Apresentada na instituição de estágio - Observadas as aulas e a interação entre os estudantes surdos e os docentes. - Interpretadas as aulas pelo estagiário - Auxiliados os surdos na preparação para a avaliação - Auxiliados os estudantes surdos na formação e integração de grupos de estudo
Dificuldades encontradas e suas causas:	Soluções encontradas:
 - Dificuldade na organização das frases em Língua de Sinais - Falta de padronização dos sinais.	 - Interpretar de forma holística, ou seja, considerar a informação como um todo, em vez de se concentrar em partes isoladas. - Recorrer a exemplos claros para facilitar a compreensão.

Observações: A criação e a padronização dos sinais é de extrema importância porque facilita na mediação e transmissão dos conteúdos.

A Supervisora:

Mestre Rosalina Zamora Jorge
Valentim

A orientadora:

Mestre Alcinda

Data:

Data:

Campus Principal: Tel: 21 493313, fax:21 49 3313, CP: 257 – Maputo: Moçambique



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS
CURRICULARES

Plano e Relatório Quinzenal de Estágio

Período: de 14 /10/2024 à 21/11/2024

Local de estágio: Faculdade de Educação

Nome da estagiária: Balbina Armando Simbine

Curso: Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique

Actividade principal da estagiária: Interpretação e Auxílio das aulas

Actividades planificadas para o período	Actividades realizadas neste período:
Unidades curriculares: _Linguística de Língua de Sinais de Moçambique II, Didáctica de Ensino da Língua de Sinais de Moçambique II, Elementos do Desenho Curricular, Psicologia Aplicada às Necessidades Educativas Especiais. Interpretação das aulas Interpretação da apresentação dos trabalhos em grupo Assistir e apoiar na simulação de aula	 Interpretadas as aulas pela estagiária; Interpretados os trabalhos em grupo apresentados pelos estudantes; Assistida e apoiada a simulação de aula.
Dificuldades encontradas e suas causas:	Soluções encontradas:
Rapidez na apresentação de trabalhos em grupo Falta de sinais: Ex: Intoxicação, Behaviorismo e cognitivismo, intervenção, sinonímia.	Sensibilização aos estudantes a apresentar os trabalhos respeitando a interpretação em LSM Recorreu-se a soletração e explicação do significado das palavras em causa.

Observações:

A Supervisora:

A orientadora:

Mestre Rosalina Zamora Jorge
Valentim

Mestre Alcinda

Data:

Data:

Campus Principal: Tel: 21 493313, fax:21 49 3313, CP: 257 – Maputo: Moçambique



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS
CURRICULARES

Plano e Relatório Quinzenal de Estágio

Período: de 17/02/2025 à 07/ 03/2025

Local de estágio: Faculdade de Educação

Nome da estagiária: Balbina Armando Simbine

Curso: Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique

Actividade principal da estagiária: Interpretação e Auxílio das aulas

Actividades planificadas para o período	Actividades realizadas neste período:
Unidades curriculares: Didáctica de Ensino da Língua de Sinais de Moçambique, Didáctica Geral, Linguística da Língua de Sinais, Psicologia da Linguagem, Introdução aos Estudos Linguísticos II. Apresentação dos professores e dos estudantes; Apresentação da intérprete aos professores e aos estudantes; Apresentação do plano analítico; Interpretação das aulas.	Apresentados os professores aos alunos e vice-versa; Apresentada a intérprete aos professores e alunos; Apresentado o plano analítico; Interpretadas as aulas com os temas: Fases de aquisição da Linguagem e Aquisição da Linguagem por crianças surdas e ouvintes
Dificuldades encontradas e suas causas:	Soluções encontradas:

Dificuldades nas palavras: morfologia flexional e derivacional	Apresentamos exemplos que explicam cada caso.
Dificuldade na padronização dos sinais, e a falta do conhecimento de sinais por parte de alguns estudantes surdos.	Apresentamos os sinais que os surdos não conheciam e o seu significado.

Observações: Criação de novos sinais que respondam a défice dos mesmos na maioria das disciplinas

A Supervisora:

A orientadora:

Mestre Rosalina Zamora Jorge

Mestre Alcinda

Valentim

Data:

Data

Campus Principal: Tel: 21 493313, fax:21 49 3313, CP: 257 – Maputo: Moçambique



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDOS
CURRICULARES

Plano e Relatório Quinzenal de Estágio

Período: de 10/03/2025 à 17/03/2025

Local de estágio: Universidade Eduardo Mondlane - Faculdade de Educação

Nome da estagiária: Balbina Armando Simbine

Curso: Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique

Actividade principal da estagiária: Interpretação e Auxílio das aulas

Actividades planificadas para o período	Actividades realizadas neste período:
Unidades curriculares: Didáctica Geral, Introdução aos Estudos Linguísticos II, Psicologia Educacional, Didáctica de Ensino da Língua de Sinais de Moçambique. Interpretação das aulas Assistência aos estudantes surdos	Interpretadas as aulas pela estagiária Prestada a assistência aos estudantes surdos

Dificuldades encontradas e suas causas:	Soluções encontradas:
Dificuldades na unidade curricular IEL-II, na temática dos sintagmas (sintagma nominal e verbal)	Recorremos a soletração e apresentação de exemplos

Observações: Há necessidade de se criar sinais para responder a défice em certas unidades curriculares de modo a facilitar a interpretação no processo de mediação do ensino e aprendizagem.

A Supervisora:

Mestre Rosalina Zamora Jorge
Valentim

A orientadora:

Mestre Alcinda

Data:

Data:

Campus Principal: Tel: 21 493313, fax:21 49 3313, CP: 257 – Maputo: Moçambique
